

DGRH/I
CC/SEL

32.5

Edwirges Maria Morato

Ao SIARQ para manter em arquivo 01 caixa , que contém
comprovantes curriculares de EDWIRGES MARIA MORATO - IEL
a qual acompanhou o trâmite do
processo nº 01-P-6781/86 1 1 (VIDA FUNCIONAL),
em nome da interessada.



ELIZABETH FILETTI

Aplo Adm. SG
Matr. 11988-1

20/03/00

Cadernos de ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

32

CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

DIREÇÃO

Eleonora Cavalcante Albano (UNICAMP)

CONSELHO EDITORIAL

José Borges Neto (UFPr)
Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP)
Ataliba Teixeira de Castilho (UNICAMP)
Maria Raquel Delgado-Martins (UNIVERSIDADE DE LISBOA)
Carlos Franchi (UNICAMP/USP)
Edson Françoze (UNICAMP)
Ester Mirian Scarpa (UNICAMP)
João Wanderley Geraldi (UNICAMP)
Rodolfo Ilari (UNICAMP)
Sandra Madureira (PUC-SP)
Miriam T. Matta Machado (UFF)
Eni Orlandi (UNICAMP)
Leonor Scliar-Cabral (UFSC)
Lucy Seki (UNICAMP)
Giampaolo Salvi (UNIVERSIDADE LORÁND EÖTVÖS)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Cadernos de ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

haz
1998 *32*

Organizado por:

Maria Irma Hadler Coudry
Edwiges Maria Morato

NEUROLINGÜÍSTICA

Cad.Est.Ling.	Campinas	Nº 32	p.1-105	Jan./Jun.1997
---------------	----------	-------	---------	---------------

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: José Martins Filho

Vice-Reitor: André Maria Pompeu Villalobos

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: João Wanderley Geraldi

Diretora Associada: Raquel Salek Fiad

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenadora: Lúcia Kopschitz X. Bastos

EQUIPE EDITORIAL

J.A. Duek/L.A. Santos/E.A. Santos

Capa-Projeto: J.A. Duek

Layout e Arte Final: J.A. Duek/L.A. Santos

REVISÃO

Valdemir Miotello

CADERNOS DO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS é uma publicação semestral do Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. A revista aceita colaboração de pesquisadores de outras Instituições, publicando estudos em português, espanhol, inglês ou francês. Os trabalhos, acompanhados de resumos, serão submetidos ao Conselho Editorial.

Para remessa de originais, aquisição de números avulsos e assinaturas, dirigir-se a

UNICAMP/IEL

Setor de Publicações

Caixa Postal 6045

13081-970 - CAMPINAS - SP - BRASIL

e-mail: spublic@iel.unicamp.br

PEDE-SE PERMUTA

Cad.Est.Ling., Campinas, (32):1-105, Jan./Jun. 1997

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
MARIA IRMA HADLER COUDRY 10 Anos de Neurolingüística no IEL.....	9
EDWIGES MARIA MORATO Processos de Significação e Pesquisa Neurolingüística.....	25
LEONOR SCLiar-CABRAL Psicolingüística e Neurolingüística.....	37
MARGARETH DE SOUZA FREITAS Alterações Fono-Arterulatórias nas Afasias Motoras: um Estudo Lingüístico.....	49
RENY MARIA GREGOLIN-GUINDASTE O Agramatismo: Uma Afasia de Natureza Sintática.....	61
ROSANA DO CARMO NOVAES PINTO Agramatismo e Processamento Normal da Linguagem.....	73
BENITO P. DAMASCENO Neuropsicologia e Neurolingüística.....	87
MILICA SATAKE NOGUCHI A Linguagem na Doença de Alzheimer: Considerações sobre a Função Cognitiva da Linguagem.....	93

PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E PESQUISA NEUROLINGÜÍSTICA¹

EDWIGES MARIA MORATO
(IEL/UNICAMP)

1. INTRODUÇÃO

A questão da significação surge para a Neurolingüística a partir da mesma tradição imposta pela Lógica à trajetória da Lingüística como ciência. Assim, a veridicção e a percepção lógica do mundo são duas questões fundadoras tanto da Semântica quanto das atribuições dos desvios (da intenção, da significação, da lógica, da compreensão) levadas a cabo pela Afasiologia e pela Frenologia. Em suma, é em torno de uma idéia de verdade que a questão do sentido é construída no interior da Lingüística e da Afasiologia, duas ciências que se firmaram enquanto tais ao final do século passado na melhor tradição racional-empirista.

O tema deste Seminário, de saída, faz com que nos deparemos com dois aspectos importantíssimos: o que representa, para a reflexão lingüística, a pesquisa neurolingüística? Solidária a esta primeira questão, outra se impõe, não menos relevante: como a Neurolingüística tem tratado a questão do sentido no interior de seus problemas teórico-metodológicos? Dito de outra forma: como a Neurolingüística tem visto a questão do sentido como um problema seu?

A resposta a essas questões coloca em xeque os próprios rumos da pesquisa neurolingüística, bem como a sua inserção definitiva entre as ciências humanas e entre os diversos postos de observação sobre a linguagem (e tudo aquilo que lhe concerne) alocados na Lingüística.

Se passarmos uma vista d'olhos pelos termos das relações entre a Lingüística e a Neurolingüística, certamente haveremos de notar que - sob outras vestes - é o problema do sentido ou da significação o fio condutor de uma história que, segundo Otto Marx (1966), "nunca houve" realmente. Mais do que apontar a veracidade desta afirmação, este Seminário procura entrever relações solidárias e produtivas entre ambas, por motivos que as interessam distintamente e pelo que as duas representam para o tratamento do problema do sentido, essa "fascinante cabeça de Medusa", na feliz expressão de Benveniste (1974).

A questão do sentido, vale notar, não tem recebido melhor tratamento na área da Neurolingüística do que na da Lingüística. E por quê? Porque se na primeira essa

¹ Texto apresentado no I "Seminário em Neurolingüística" (IEL/UNICAMP), em 20/11/96.

questão tem sido simplesmente subsumida pela compreensão (Françoso, 1987; Morato, 1995a), considerada um fenômeno neuropsicológico autônomo, essencialmente mental, a segunda sempre percorreu, seguindo de perto a tradição fenomenológica clássica, todo um caminho que vai contra a ciência interpretativa.

A visão corrente de compreensão e de significação em Neurolinguística é fortemente ancorada na linguística saussureana (ou, pelo menos, no que ela tem de mais estruturalista), abrindo caminho para a exclusão do mundo social, do objeto e do sujeito (bem como de suas atividades ou experiências significativas) na construção da significação. Ao suprimir a relação da língua ou da cognição com seu exterior discursivo, o que existe de significação é aquilo que está codificado como significado, é aquilo que ele representa dos objetos e dos estados de coisas, posição consoante à clássica visão representacionista da linguagem.

A tarefa de repor os elementos excluídos da tradição estruturalista tem sido assumida, ainda que a partir de diferentes interesses, pelas teorias enunciativas, pragmáticas e discursivas. Reuni-las em torno de uma criteriosa arbitragem interdisciplinar torna-se uma tarefa que a complexidade dos fenômenos, tais como os neurolinguísticos, exige. Articular tal contribuição linguística com uma concepção do funcionamento córtico-cognitivo epistemologicamente compatível já é uma autêntica construção teórica cujo devir é proporcional às respostas que puder oferecer às antigas indagações filosóficas: "Como é possível que a alma fale? Como é possível que signifique?" Ou às dúvidas humanas traduzidas com agudeza pelo poeta: "Como pode um coração se expressar? Como pode o outro entender?" A questão do sentido, assim, encerra um imenso desafio que os objetos neurolinguísticos podem propor à ciência da linguagem.

Para as vertentes linguísticas que consideram a significação o ponto de vista fundamental sobre a linguagem, a questão do sentido pressupõe e transcende a atividade linguística. Dito de outra forma, a linguagem não é simplesmente signo. Humboldt afirma (1972) que a linguagem é um trabalho do pensamento que ganha forma por sua vez pela atividade constitutiva da linguagem: "A linguagem não é uma obra (*ergon*) mas uma atividade (*energeia*)", diz ele, numa formulação célebre. Com base nessa perspectiva enunciativa que põe em relação linguagem e cognição, postula-se que a construção do sentido não se dá de maneira absolutamente subjetivada, administrada pelo indivíduo e seu cérebro, à margem da cultura e do valor intersubjetivo da linguagem. Tampouco é efeito de alguma propriedade imperiosa e intrínseca do sistema linguístico ou da realidade. Na verdade, existiriam diversos fatores em jogo na tarefa de significar e compreender o real: as propriedades da língua, da cognição e do inconsciente; a qualidade das interações humanas; as condições materiais de vida em sociedade; o valor intersubjetivo da linguagem; os diferentes universos discursivos ou sistemas de referência cultural (na acepção de Franchi, 1977) através dos quais agimos e orientamos nossas ações no mundo; as normas pragmáticas que regem por gestão social a utilização da linguagem; os diferentes contextos linguístico-cognitivos nos quais as significações são produzidas.

Se todos esses fatores são movimentos de sentido, se são atos de significação, são também atos de linguagem. Deriva desse arrazoado o privilégio da linguagem (dado seu papel mediador frente a outros sistemas de signos não verbais): ela seria não apenas

uma forma possível de significação como também, em função de sua capacidade reflexiva de voltar-se para si mesma e de referir-se a outros sistemas de signos, a própria "atividade significante por excelência", segundo um postulado típico das correntes enunciativas. Não por outro motivo estamos de acordo com Humboldt (1972) quando ele considera que "o mundo não é produto original da linguagem". Mas é, digamos, de sua responsabilidade.

Responsáveis pelo processo de percepção do real, pela decifração do mundo, pela humanização de nossas cognições, os diferentes processos de significação atuam de maneira seletiva, concorrente e heurística em relação a diferentes propósitos discursivos (e se assim não for, saberemos que o sujeito é provavelmente um estrangeiro, uma criança ou comprometido em termos neuropsicológicos, como bem observa Possenti, 1992) e exigem diferentes reflexões do sujeito com a linguagem (e quanto a isso, tanto a aquisição da linguagem quanto o estudo linguístico das patologias mostram evidências empíricas indiscutíveis). Para o campo da Neurolinguística, importa assinalar que desse ponto de vista os processos cognitivos, uma vez que também dependem da significação, deixam de ser concebidos como comportamentos previsíveis e apriorísticos.

A pesquisa neurolinguística e a neuropsicológica, como sabemos, têm estudado problemas de significação como se fossem (apenas) problemas de compreensão (leia-se lógico-perceptivos), sobretudo na descrição das chamadas afasias posteriores e das neurodegenerescências. A Psiquiatria, por sua vez, em sua origem - ou pelo menos até que Freud estabelecesse um diálogo com a loucura - fez algo semelhante em relação à descrição das chamadas alienações mentais e das amnésias. Nem mesmo o fato de a afasia ser uma questão linguística (como afirmava Jakobson, 1981) torna a linguagem parte essencial da análise dos problemas de compreensão. Mas não é nisso que reside o problema mais grave. Afinal, muitos linguistas e filósofos estariam de acordo com Wittgenstein (1975) ou Parret (1988) - para citar apenas dois exemplos - segundo os quais a questão da língua vincula-se com a questão de compreender a língua e reconhecê-la como representante/interpretante do real. Assim, qualquer concepção de língua estaria ligada a uma concepção de compreensão, ainda que a língua não possa ser considerada o único instrumental cognitivo (entretanto, vale notar que a Neurolinguística, em geral, afina-se com uma linguística mais formalista, comprometida com a idéia de "acessibilidade" direta entre as palavras e as coisas, com as teorias do significado literal e com a previsibilidade do processo de compreensão).

Essa relação, pois, não apresenta qualquer problema: compreender e significar são praticamente indissociáveis na atividade discursiva; não há compreensão sem uma idéia de objetivação ou "controle do sentido". Não há sentido sem o risco sofrido por aquele que o interpreta ou compreende.

O estudo da maneira pela qual a Neurolinguística tem concebido as relações entre significação e compreensão implica algumas considerações importantes sobre o destino da colaboração entre essas duas disciplinas.

Apenas para dar um aspecto mais programático a este texto, apontaria, entre outros, determinados procedimentos que giram em torno da discussão dos chamados "problemas de compreensão". A expectativa é que estes, ao receberem um tratamento linguístico-discursivo, ofereçam melhores contornos explicativos às relações entre significação e compreensão. São eles:

1. a análise do que tenho chamado em outros trabalhos (Morato, 1995a, 1995b) de "significação intolerável", isto é, aquela sobre a qual a Neurolingüística tem erigido suas considerações sobre as bizarras do pensamento, da memória, da consciência ou da percepção;

2. a análise dos diferentes processos de significação dos quais o sujeito com alguma patologia de linguagem lança mão para interagir, comunicar ou significar. Tais processos, ditos "alternativos" (termo emprestado de Coudry, 1988), dizem respeito às formas de superação, adaptação ou de reorganização da significação e concernem a um só tempo ao sistema lingüístico, à atividade cognitiva e ao funcionamento pragmático-discursivo da linguagem.

3. a análise de inúmeros itens semiológicos que ainda estão a exigir alguma explicação, como a confabulação (tida como uma alteração de memória associada a um problema de consciência), a jargonafasia (tida como uma afasia de natureza lingüística indistinta associada a um distúrbio de consciência) ou o paragramatismo e/ou dissintaxia (tidos como um problema de compreensão inesperado em casos de afasias predominantemente expressivas). No limite, o questionamento desses itens semiológicos implicaria mudanças não apenas nas velhas e boas classificações dos distúrbios de linguagem como teriam repercussões importantes no diagnóstico e tratamento dessas patologias. Para a Lingüística interessam ainda as consequências epistemológicas de tais análises: afinal, são capazes de transformar a própria idéia que se tem do fenômeno afásico.

4. a análise da colaboração e da reciprocidade entre os processos que atuam na constituição do sentido e da compreensão, tanto no campo da normalidade quanto no da patologia, bem como na intersecção entre ambos, sempre sutil e forjada em meio à contingência histórica, e sob o viés do discursivo;

5. a eleição de procedimentos teóricos que seriam capazes de estreitar a relação entre a Neurolingüística e a ciência lingüística, à primeira cabendo inferir dos dados patológicos os processos de construção do "aparelho simbólico" de que falava Benveniste (1966), e à segunda cabendo oferecer condições para o aprofundamento do debate sobre a linguagem e tudo aquilo com o que ela se relaciona direta ou indiretamente.

Quais os fatos ou objetos lingüístico-cognitivos que melhor serviriam a tais interesses teóricos? Aqueles não apenas investidos de propriedades e relações semânticas (como as parafasias, os neologismos, a dificuldade de encontrar palavras e manipular sentidos indiretos) como também contingenciados enunciativamente: os fenômenos próprios do discurso espontâneo ou da conversação (os dêiticos, as modalidades, os vários atos de linguagem), os processos de implicação e de referenciação, as leis discursivas, as diversas formas meta-enunciativas relativas ao dizer próprio e alheio, os diferentes critérios de textualidade, as propriedades interativas humanas, as operações epilingüísticas, a polissemia existente entre a língua e o interdiscurso, etc. Talvez esperemos realmente muito pouco das vias explicativas do complexo funcionamento da cognição humana se aceitarmos que problemas de

inferência, de polissemia, de reconhecimento de intenções ou de relevância tópica sejam subsumidos peremptoriamente por problemas de "compreensão" (no sentido da representação lógico-perceptiva);

6. e finalmente, o estabelecimento de pontes conceituais e metodológicas entre linguagem e cognição, vistas sobretudo a partir das propriedades formais e discursivas da linguagem, capazes de uma ação construtiva em torno da relação de interpretância entre a atividade cognitiva e a discursiva. Isso significa, entre outras coisas, que é difícil imaginar possibilidades integrais de conteúdos cognitivos ou domínios do pensamento fora da linguagem, ou possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos.

2. SENTIDO E COMPREENSÃO EM NEUROLINGÜÍSTICA

Embora não caiba neste texto proceder à análise das condições históricas sob as quais se deu a relação entre a Lingüística e a Afasiologia ao final do século passado, quando ambas firmaram-se como ciências, lembramos que muito dessa "ligação perigosa" responde pela manutenção de certos impasses teóricos da moderna Neurolingüística (entre eles, a falta de um programa de trabalho definido, a ausência de teorias pontes com a Lingüística e as Ciências Cognitivas, o uso meramente instrumental da ciência lingüística, a desconsideração de um passado comum ancorado na tradição filosófica acerca da mente, a inserção *ad hoc* de novos itens na constelação semiológica das patologias cerebrais, o desconforto com velhas classificações das afasias, e finalmente a manutenção de antinomias clássicas, sobretudo a oposição entre os processos de produção e de compreensão - *leitmotiv* da descrição, classificação e composição diagnóstica das afasias, das demências, etc.).

Creditados às alterações da consciência ou da memória, não foi antes do começo deste século que os problemas de compreensão passaram a ser estudados pela Neurolingüística. Apesar de os primeiros afasiólogos terem se dedicado a tais problemas (cf. Boller, 1978), fugia a eles que a dimensão semântica da linguagem teria alguma relação com as chamadas alterações de base, cujos mecanismos eram sempre mentais e não raras vezes inexplicáveis ou muito pouco elucidados. Se a concepção de compreensão como fenômeno essencialmente mental é o primeiro aspecto a destacar em nossa análise da maneira através da qual os processos de significação têm sido encarados pela Neurolingüística, a forte distinção entre produção e compreensão é o segundo aspecto. Até aqui, linguagem nada mais é que mero instrumento das operações mentais internas, que não se dariam a conhecer ou não poderiam ser investigadas sem o concurso de uma manifestação verbal.

Ao lado disso, o que também parece ser digno de nota é que as grandes escolhas metodológicas e epistemológicas da Neurolingüística têm sido, ao longo dos últimos anos, a interdição de "significações intoleráveis" (cf. Morato, 1995a). Este é o terceiro aspecto a caracterizar a maneira pela qual a Neurolingüística tem encarado a questão da significação.

Quanto a isso, é preciso considerar que a Neurolingüística e a Neuropsicologia têm

tratado diferentes aspectos ligados às interdições da linguagem - diagnosticando e classificando fenômenos lingüístico-cognitivos desviantes, bizarros ou anormais - pela via da condenação da idéia de ruptura comunicativa, seja à que se refere ao sistema lingüístico propriamente dito (como no caso das afasias), seja à que concerne aos processos cognitivos (como no caso das demências ou das amnésias). Tradicionalmente, o primeiro caso aplicar-se-ia aos "erros" ligados aos níveis lingüísticos (fonético-fonológico, sintático, semântico, pragmático); o segundo, aos problemas de representação lógico-perceptiva, essencialmente estruturais e internos, capazes de alterar os processos de julgamento, a memória, o pensamento, o processamento da informação, etc.

Caracterizados como patológicos em função de sua bizarria, distorção, exuberância ou privação, os problemas de sentido geralmente aparecem na constelação semiológica das síndromes neurológicas como uma espécie de "significação intolerável" (desviante, mórbida, extravagante), que decorreria de alterações essencialmente mentais, frutos de alguma função mental defeituosa, em geral a memória, a consciência ou a percepção (cf. Boller, 1978).

Embora manifeste-se e seja autorizada pela linguagem, a significação intolerável não diz respeito fundamentalmente aos processos lingüísticos. Sob ela escondem-se, na realidade, inúmeros expedientes lingüístico-discursivos que estão a exigir alguma explicação e que muito poderiam elucidar quanto à natureza da relação entre a linguagem e a cognição.

Definitivamente, para a Neurolingüística ou para a Neuropsicologia o que está no cerne da explicação dos problemas da compreensão é concebido praticamente à margem da linguagem e do lingüístico, ainda que seja necessário o concurso da linguagem para a manifestação do "sintoma clínico". Quando chega ao diagnóstico, o paradigma clínico julga decifrar aquilo que estava ocultado pelo sintoma - o fato clínico. Mas isso não é tudo: uma vez descrito, julga-se, ainda, *de la sorte*, que esteja desvendado o seu funcionamento.

3. SENTIDO E COMPREENSÃO EM LINGÜÍSTICA

Que a língua e outros sistemas de signos não verbais significam parece ser um truismo. Entretanto, bastam algumas poucas (mas cruciais) indagações para observarmos que sentido e significação estão longe de ser conceitos reguladores ou absolutizados mesmo entre os lingüistas.

Não nos cabe aqui proceder a um minucioso exame dessas questões ou estabelecer os termos através dos quais a Lingüística julga importante levar em conta alguma distinção entre sentido e significação, por exemplo. Interessa-nos aqui, sobretudo, tecer algumas considerações sobre a maneira como o tema vem sendo tradicionalmente enfocado em Neurolingüística e sobre as perspectivas que se abrem quando, ao estudo do **funcionamento** da língua, somamos o do **exercício** da linguagem, que a torna possível e a humaniza.

A continuidade entre significação e linguagem faz com que seja interessante, ao menos para a Lingüística, uma diferenciação na análise do sentido e da significação

(entre outras razões, porque é eficaz para o estudo da metalinguagem, da intersubjetividade e do aspecto histórico das instanciações discursivas). Admitamos, dessa maneira, em consonância com as teorias enunciativas (cf. Normand, 1990), que sentido seja a resposta para a pergunta: "O que aquilo (uma palavra, um enunciado, uma enunciação, um signo não verbal) quer dizer?" Já a significação tentaria responder a uma outra questão: "Por quais meios ou processos um enunciado é produzido como tendo sentido?" As duas noções, assim, têm uma relação de reciprocidade e confirmam que sem a garantia do sentido não há atividade simbólica humana.

Esse ponto de vista sobre o sentido e a significação, tão caro às correntes enunciativas e discursivas, postula também que a significação tem a ver reciprocamente com a comunicação. Não há dúvida de que ambas mantêm uma estreita relação entre si e marcam duas formas do sentido, mas um termo não pode ser empregado no lugar do outro. Implicam diferentes trabalhos lingüístico-discursivos e mobilizam diferentes níveis de reflexão sobre a atividade cognitiva. Isso é importante para a pesquisa clínica. A comunicação nos indica que o sujeito "tem algo a dizer", ou mostrar; a significação nos indica que o sujeito mostra explícita ou implicitamente a maneira pela qual ele corre o risco de interpretar e ser interpretado, de representar ou dar "representabilidade" às coisas do mundo.

Levando em conta nossas experiências significativas na vida em sociedade, não é difícil imaginar situações em que a não comunicação é também constitutiva do processo de significação (como já ressaltou Pêcheux, 1990), ou que nossas significações pretendidas não foram apreendidas por nossos interlocutores (ou foram apreendidas à revelia ou além do que pretendíamos), ou que não nos encontramos satisfeitos com as significações que nós mesmos pudemos obter.

Em Lingüística, não raras vezes fala-se de produção ou de efeito do sentido para não falar do sentido. Ora, a questão da origem ou da definição do sentido é importante. Quando se diz: "Qual o sentido dessa frase?" ou "Isso não quer dizer nada", ou "Não entendo o que você diz" ou "Não foi isso o que quis dizer", ou "Se é que compreendo bem" afirma-se muitas coisas a respeito do sentido. Sendo assim, não deixa de ser interessante levantar, com base numa perspectiva enunciativo-discursiva, algumas considerações que se complementam a fim de mostrar diferentes faces do sentido e de indicar a maneira pela qual orientam, determinam ou objetivam a compreensão:

Em primeiro lugar, afirma-se que o sentido não está confinado ao sistema lingüístico e nem precede o enunciado. Se quisermos uma definição ampla, tomemos a definição de Frege sem o peso formal de suas posições filosóficas: sentido é o modo de apresentação do objeto: é o que "vem para nós" como objeto do mundo. Fazendo parte do real, os processos cognitivos também podem ser incluídos nesses diferentes "modos de apresentação" do objeto. Embora emprestada de Frege (*in* "Sentido e Referência", 1978), essa afirmação interessa apenas na medida em que destaca a possibilidade de inserção de objetos cognitivos como elementos de nossa percepção do real. Ou seja, o que o outro quer dizer ou mostrar é tão importante quanto a maneira pela qual ele o faz.

Em segundo lugar, afirma-se que a interação produz o sentido (cf. Normand, 1990:334). Mas o contrário é também verdadeiro: o sentido é produção de interação, ou seja, o outro me é necessário para saber o que eu digo, e mais, para construir o sentido daquilo que eu digo. Nesse aspecto, parece-me que a questão da interação é um

elemento de distinção na definição de sentido e capital para as tarefas interpretativas.

Em terceiro lugar, sentido é efetivamente uma prática social, não é fixo ou estável, como bem nos têm mostrado a Filosofia da Linguagem (cf. Wittgenstein, 1956) e a Pragmática (cf. Parret, 1988), em suas várias vertentes.

Rapidamente esboçadas essas definições de sentido, poderíamos perguntar: de que maneira elas apresentam alguma relação de reciprocidade com a compreensão? A primeira idéia a ser considerada é a de que compreender é sempre uma tentativa de "controlar" o sentido (cf. Normand, 1990). Contudo, propriedades da língua e do inconsciente privariam-nos de um "controle" total. Resta-nos, então, uma espécie de "ilusão de coincidência" (cf. Authier-Révuz, 1993) entre as palavras e as coisas, entre a língua e o discurso, entre os sujeitos e seus interlocutores, entre o discurso proferido e sua auto-representação (o que, segundo a autora, nos leva a uma não-coincidência enunciativa entre o discurso em relação a ele mesmo).

Outra idéia que se forja em torno de uma concepção enunciativo-discursiva do sentido é a de que a compreensão diz respeito à algum tipo de objetivação do sentido (mas sabemos que não há o sentido único possível: não se compreende se não se acede ao sentido postulado pelo texto ou pelo interlocutor, por exemplo. Dito de maneira um pouco mais radical: não há compreensão sem o risco da interpretação). Ou seja, a compreensão também diz respeito ao reconhecimento de intenções postuladas ou pretendidas, sendo necessária para que comunicação se dê (ou não). Sendo uma espécie de "inferência prática no mundo" (cf. Parret, 1988), a compreensão ainda se coloca em meio ao já clássico debate em torno da relação entre um saber lingüístico e um saber pragmático.

Como se observa, se vincularmos a compreensão aos processos de significação a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva, cai por terra seu conteúdo puramente mental, e ganha força a idéia de um domínio interpretativo a reger essa relação. Imagino que a partir daí muitas perspectivas se abrem para a Neurolingüística. A mais evidente diz respeito ao enfoque dado por ela aos problemas de compreensão, comuns nas afasias e nas neurodegenerescências. Outra, não menos relevante, diz respeito à contribuição que a Neurolingüística pode oferecer à ciência lingüística a partir da especificidade de seus objetos.

4. COMENTÁRIOS FINAIS: A PESQUISA NEUROLINGÜÍSTICA E AS MODERNAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS:

Instada a responder as questões com as quais abri este texto, diria que a capacidade da Neurolingüística de dialogar com modernas teorias lingüísticas deve ser proporcional à capacidade de uma lingüística orientada enunciativamente de oferecer novas bases explicativas para a velha tradição fenomenológica característica do pensamento médico-clínico. Isso nos leva, para finalizar, à discussão de dois movimentos cruciais que selariam a sorte de uma empreitada como essa. O primeiro diz respeito ao paradoxo da interdisciplinaridade, advindo da impossibilidade de se correlacionar diretamente linguagem, cérebro e cognição; o segundo, ao desenvolvimento de uma abordagem enunciativo-discursiva que tome a questão da relação entre a significação e a

compreensão - no campo da normalidade e da patologia - um problema seu, desde que só a linguagem é capaz de por tal relação a claro.

4.1. Interdisciplinaridade: um mal necessário?

A Neurolingüística tem sido e talvez seja, em suma, a produção de (um) discurso sobre a cognição humana, e o acesso a esse discurso não poderia mesmo ser único: ele é governado por inúmeras preocupações, sendo seus recortes teóricos tradicionalmente pouco suficientes e suas pesquisas relacionadas com várias e diferentes disciplinas.

Se é bem verdade que a interdisciplina em Neurolingüística é uma espécie de "mal necessário" (a interdisciplinaridade nunca deixou de ser uma velha mística das ciências humanas), ela ao mesmo tempo desenha um domínio empírico que não deixa de representar um modo de apreensão da linguagem. Tradicionalmente voltada para as formas lingüísticas (i.e., para o sistema, suas regras e normas, seus constituintes e organização), e portanto para uma certa Lingüística, a Neurolingüística tem todas as condições de dialogar não apenas com uma concepção de língua e de mente, mas com as possibilidades que os próprios domínios da Lingüística oferecem. Não se trata, naturalmente, de preencher as lacunas de estudos lingüísticos *strictu sensu*, mas de contemplar as heterogeneidades da ciência lingüística ao tratar seu objeto, a linguagem. Creio que este é o investimento teórico a ser feito pela Neurolingüística, no que se refere ao campo de estudos lingüísticos: reconciliar linguagem com processos afeitos a ela, como a interação humana, os diferentes processos de significação, as esferas do psíquico, do histórico e do cultural. Em outros termos, reconciliar língua com seu exterior discursivo.

4.2. As vantagens de uma abordagem enunciativo-discursiva

Redimensionando-se o problema do sentido, importantes consequências teóricas no campo da pesquisa neurolingüística fazem-se notar: 1. o estudo dos processos alternativos de compreensão (que dizem respeito e estão na dependência do tipo de funcionamento do sistema lingüístico, da seletividade característica da atividade cognitiva e da manipulação de normas pragmáticas e discursivas que regem as ações humanas); 2. uma perspectiva enunciativa da relação entre significação e compreensão; 3. a análise da construção discursiva da relação entre linguagem e cognição (por exemplo, através do estudo dos procedimentos meta-enunciativos, cf. Morato, 1996a); e 4. a discussão da semiologia neurolingüística (o que se faz a partir da análise lingüístico-discursiva de diferentes itens da constelação semiológica das afasias e das neurodegenerescências, como a confabulação, a jargonafasia, a dissintaxia, etc.- aos quais tenho me dedicado, em trabalhos próprios ou em parceria).

Dentre a diversidade de temas abordados pela Neurolingüística, será potencialmente todo tipo de "significação intolerável" (Morato, 1995a, 1995b), enfim, um espaço por excelência para o tratamento da questão do sentido. Mais do que apontar os limites ou os equívocos das abordagens clássicas em Neurolingüística ou em

Neuropsicologia sobre a relação compreensão-significação, a Linguística - e mais precisamente um corpo teórico reunido criteriosamente em torno de contribuições advindas das vertentes enunciativas, pragmáticas e discursivas, tem amplas condições de renovar o estudo da relação entre a normalidade e a patologia, bem como a análise dos diferentes trabalhos linguístico-cognitivos em jogo nos processos "alternativos" de significação, no tratamento linguístico-discursivo da questão do sentido. Frente à cognição humana, a pesquisa neurolinguística, em sua contribuição original ao campo da ciência linguística, tem condições de afirmar, parafraseando Foucault: "Aqui há linguagem".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-RÉVUZ, J. (1993). Les non-coincidences du dire et leur représentation méta-enonciative. Étude linguistique et discursive de la modalisation autonymique. Thèse de Doctorat d'État. In: **Linguisticae Investigationes**.
- BENVENISTE, É. (1966). **Problèmes de Linguistique Générale**. Vol.I. Paris: Gallimard.
- _____. (1974). **Problèmes de Linguistique Générale**. Vol.II. Paris: Gallimard.
- BOLLER, F. (1978). Comprehension Disorders in Aphasia: A Historical Review. In: **Brain and Language** 5:149-165.
- COUDRY, M. I. H. (1988). **Diário de Narciso - Discurso e Afasia**. São Paulo: Martins Fontes.
- DASCAL, M. (1983). **Pragmatics and Philosophy of Mind**. Amsterdam: John Benjamins.
- FRANCHI, C. (1977). Linguagem - atividade constitutiva. In: **Almanaque** 5:9-27.
- FRANÇOZO, E. (1987). **Linguagem Interna e Afasia**. Tese de Doutorado. UNICAMP. Inédita.
- FREGE, G. (1978). **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix.
- HUMBOLDT, W. (1972). **Linguistic Variability & Intellectual Development**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- JAKOBSON, R. (1981). **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Martins Fontes.
- MARX, O. M. (1966). Aphasia studies and language theory in the 19th century. In: **Bulletin of the history of medicine** 40:328-49.
- MORATO, E. (1996a). A construção meta-enunciativa no discurso de sujeitos com afasia e neurodegenerescência: Subsídios teórico-metodológicos para a elaboração de um protocolo de investigação neurolinguística (*projeto de pesquisa*)
- MORATO, E. M. & I. G. VILLAÇA-KOCH, I. G. (1996b). Language and Cognition: the (dis)encounter between Linguistics and Cognitive Sciences. a publicar in: **TEXT**.

- _____. (1996c). A pesquisa em Neurolinguística: problemas e perspectivas. a publicar in **Seminários de Estudos Lingüísticos do GEL**.
- _____. (1995a). Significação e Neurolinguística. **Temas de neuropsicologia e Neurolinguística** (Damasceno, B. P. & Coudry, M. I. H., orgs.). São Paulo: SBNp
- _____. (1995b). **Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: O discurso à deriva ou as sem-razões do sentido**. Tese de Doutorado. UNICAMP. Inédita.

NORMAND, C. (1990). **La Quadrature du Sens**. Paris: PUF.

PARRET, H. (1988). **Enunciação e Pragmática**. Campinas: Editora da Unicamp.

PÊCHEUX, M. (1990). **O discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes.

POSSENTI, S. (1992). Um cérebro para a linguagem. **Abralin** 13:75-84.

WITTGENSTEIN, L. (1975). **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural.

MARIA IRMA HADLER COUDRY
10 Anos de Neurolingüística no IEL/9

EDWIGES MARIA MORATO
Processos de Significação e Pesquisa Neurolingüística/25

LEONOR SCLiar-CABRAL
Psicolingüística e Neurolingüística/37

MARGARETH DE SOUZA FREITAS
Alterações Fono-Articulatórias nas Afasias Motoras:
um Estudo Lingüístico/49

RENY MARIA GREGOLIN-GUINDASTE
O Agramatismo: Uma Afasia de Natureza Sintática/61

ROSANA DO CARMO NOVAES PINTO
Agramatismo e Processamento Normal da Linguagem/73

BENITO P. DAMASCENO
Neuropsicologia e Neurolingüística/87

MILICA SATAKE NOGUCHI
A Linguagem na Doença de Alzheimer: Considerações sobre a
Função Cognitiva da Linguagem/93

ISSN 0102-5767



EDWIGES MARIA MORATO

LINGUAGEM E COGNIÇÃO:

as reflexões de L. S. *Vygotsky*
sobre a ação reguladora
da linguagem

LINGUAGEM E COGNIÇÃO:

AS REFLEXÕES DE L.S.
VYGOTSKY SOBRE A AÇÃO
REGULADORA DA LINGUAGEM

Conheço Edwiges Maria Morato desde 1983, quando estreou a disciplina Neurolingüística no Instituto de Estudos da Linguagem, na Unicamp, e ela cursava Lingüística. Aluna brilhante, interessada e com pressa de aprender, daquelas que Michel Lahud orgulhava-se de ter em seus bancos. Em agosto de 1986, quando a reencontrei na Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística do Departamento de Neurologia da Unicamp, iniciamos uma parceria acadêmica que nos fez avançar e refinar a pesquisa teórico-metodológica desencadeada por minha tese de Doutorado, sobre processos lingüísticos de significação alterados pela afasia. A contribuição original de Edwiges Morato para o desenvolvimento da área de Neurolingüística está no estudo conceitual das relações que se imprimem entre discurso e cognição. Atualmente, prosseguimos, no Departamento de Lingüística, com pesquisas e atividades conjuntas que envolvem o estudo de diferentes processos de significação implicados no contexto patológico.

Maria Irma Hadler Coudry

LINGUAGEM E COGNIÇÃO:

AS REFLEXÕES DE L. S.
VYGOTSKY SOBRE A
AÇÃO REGULADORA
DA LINGUAGEM

Edwiges Maria Morato

© 1996 Edwiges Maria Morato

Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução no todo ou em partes,
por qualquer meio, sem autorização do Editor

Assessoria Gráfica:
URUPÊS Editora e Comunicação Ltda.

Capa e Editoração Eletrônica: Z&D

Direitos exclusivos desta edição reservados
pela Plexus Editora Ltda.

Morato, Edwiges Maria

Linguagem e cognição: as reflexões de L. S. Vygotsky
sobre a ação reguladora da linguagem / Edwiges Maria
Morato. - São Paulo: Plexus Editora, 1996.

112 p.

Bibliografia

ISBN 85-85689-2-27

1. Vygotsky, L. S. - Crítica e interpretação 2. Linguagem
I. Título

CDD 418

Av. Manoel dos Reis Araújo, 1154
04664-000 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 524-5301

Impressão e acabamento
Palas Athena

Meus agradecimentos

À Maria Irma Hadler Coudry, que tem sido minha
interlocutora nos estudos em Neurolinguística.

À Ana Luíza B. Smolka e Adriana Friszman de
Laplane, pelo debate animado em torno dos temas
vygotskianos.

A João Wanderley Geraldi, Sírio Possenti,
Ingedore Villaça Koch e Benito Damasceno, pela
discussão de alguns aspectos de meu trabalho.

Dedicatória

A Michel Lahud, *in memoriam*.

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Apresentação</i>	9
Capítulo 1 <i>A relevância do legado teórico de Vygotsky para os estudos que envolvem linguagem e cognição</i>	13
Capítulo 2 <i>A obra em debate: O rumo oblíquo aos fins e aos conceitos</i>	27
Capítulo 3 <i>Função reguladora da linguagem: em busca da relevância perdida</i>	45
Capítulo 4 <i>A questão levada ao paradoxo: Existe a função reguladora da Linguagem?</i>	71
Capítulo 5 <i>Das interpretações da função reguladora da Linguagem</i>	99
Capítulo 6 <i>Das funções e do funcionamento da linguagem (Conclusões e Apontamentos)</i>	119
<i>Bibliografia</i>	129

"Então, eu pensei pra mim: o que é isso, velho?"
(B.A, 72 anos, afásico, comentando suas
dificuldades linguísticas)

Prefácio

O convite para escrever este prefácio me faz pensar nos aspectos preciosos de uma convivência que emociona e que instiga. O convite me faz passar em revista muitos dos encontros, dos percursos, dos percalços, dos estudos, das conversas e das discussões apaixonadas que me permitiram acompanhar momentos da elaboração do texto.

Linguagem e cognição: as reflexões de L.S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem vem a público em momento particularmente oportuno, em que as idéias de Vygotsky vão sendo amplamente divulgadas, interpretadas e debatidas no Brasil, adquirindo relevância especial e marcando tendências nos estudos da psicologia, da linguagem, da educação. É nesse âmbito, sobretudo, que o presente trabalho se destaca e se impõe. Não é um texto qualquer de divulgação, nem consiste um "mais um" livro sobre Vygotsky em uma época em que se comemora o centenário de seu nascimento. Ao contrário, constitui um importante e instigante trabalho de reflexão teórica, com a qual a autora, generosamente, nos brinda.

Trabalhando na confluência da lingüística, da psicologia, da neurologia, da filosofia da linguagem, Edwiges procura explicitar uma teoria vygotskiana de linguagem, indagando sobre pontos de convergência ou coincidência com as atuais teorias enunciativo-discursivas. Ao problematizar múltiplas possibilidades de se conceber as relações linguagem e cognição, a autora busca uma articulação teórica que vincule a concepção de Vygotsky de funcionamento mental com a concepção de funcionamento da linguagem. Desse modo, procura aproximar as intuições de

Vygotsky sobre a função reguladora com o que se pode conceituar como atividade estruturante da linguagem.

Nesse percurso, a autora nos apresenta uma mini-exegese da obra disponível de Vygotsky, discutindo princípios explicativos o construtos centrais como internalização, fala egocêntrica, fala interna, zona de desenvolvimento proximal; pontua postulados e problemas na proposta teórica do autor, trazendo para o debate comentaristas, seguidores e contestadores de Vygotsky, em uma análise crítica dos vários posicionamentos; propõe e reivindica a Função Reguladora como objeto de uma investigação para a linguística em geral e para a neurologia em particular. Suas reflexões e argumentos explicitam contradições, provocam releituras, geram inúmeros questionamentos sobre a natureza e o estatuto teórico da linguagem na sua relação com a cognição e os processos de significação.

São muitas as vozes presentes, de diversas formas, nesse trabalho de investigação teórica. Um verdadeiro concerto polifônico onde a autora convoca interlocutores, instaura polêmicas, articula dizeres, trabalha com maestria em um intertexto, organizando um significativo fórum de discussões. Ousada e aguerrida, provoca os leitores, toma partido, mergulha na disputa, configurando várias arenas de luta.

O trabalho da Dudu (não posso deixar de referir-me a autora deste modo) é um trabalho que inspira, um trabalho extremamente original, arguto, envolvente, erudito. Um trabalho polêmico, em aberto. Fica aqui ao leitor não só o convite, mas o incentivo a participar das discussões

Ana Luiza B. Smolk

Apresentação

Escrito originalmente na forma de uma Dissertação de Mestrado, o presente texto guarda o impacto sob o qual eu o escrevi, em 1991. Refiro-me à propriedade de muitas das idéias de Vygotsky a respeito do funcionamento da cognição humana, à originalidade com que aborda aspectos nebulosos que envolvem a questão do sentido e da significação, e à urgência com a qual parece tratar vários temas apontados em sua época como fontes essenciais de vida: a filosofia, a ciência e a arte. Não por outra razão, praticamente mantive a versão original, que buscar um contexto às reflexões de Vygotsky sobre a linguagem e seu funcionamento. Talvez ainda hoje seja interessante - como eu julgava à época em que escrevi este texto - observar atentamente algumas das idéias de Vygotsky tendo a Linguística como posto de observação.

Não prossegui, depois deste texto, com uma reflexão sistemática sobre os temas tidos como clássicos da obra de Vygotsky, embora acompanhe com interesse a literatura que se produz em várias áreas a partir de seu legado. Em meu trabalho acadêmico, contudo, sobretudo na área da pesquisa neurolinguística, faço notar uma cumplicidade singular que pude manter com a obra desse Prometeu russo durante o período em que escrevi minha Dissertação. Uma de suas teses radicais, por exemplo, concebida sob inspiração humboldtiana, pode ser considerada uma das "verdades" a respeito da relação (enunciativa) que podemos estabelecer entre linguagem e cognição: Não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos ou domínios do pensamento fora da linguagem, nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos. Para Vygotsky, a perspectiva

enunciativa desta relação ressalta a ação estruturante e organizadora da linguagem frente aos processos cognitivos que, se não são comportamentos previsíveis e apriorísticos, isto é, se também dependem de vários processos de significação, são capturados pelos vários movimentos do sentido, essa "fascinante cabeça de Medusa", na feliz expressão de Benveniste.

No mais, no momento de seu centenário, Vygotsky parece ser um autor que ainda reclama maiores atenções. Apesar de serem inúmeros os vygotskianos, ainda há muito por ser traduzido, lido, contestado, compreendido. Isso, no fundo, é sinal de um mérito autêntico. Longa vida ao velho Leão!

Edwiges Morato
Campinas, outubro de 1996

CAPÍTULO 1

A RELEVÂNCIA DO LEGADO TEÓRICO DE VYGOTSKY PARA OS ESTUDOS QUE ENVOLVEM LINGUAGEM E COGNIÇÃO

As relações entre o discurso e a cognição tornam-se, a partir das últimas décadas, objeto de estudo crucial de várias disciplinas da Linguística. Os mais variados construtos teóricos levam-na à Epistemologia, à Psicologia ou às Ciências Cognitivas na tentativa de, a partir de seu próprio campo de referência (a especificidade da linguagem), investigar processos linguístico-cognitivos da atividade discursiva.

A Neurolinguística (1), assim como a Psicolinguística, tem apreciado teórica e metodologicamente o debate que envolve as relações entre discurso e cognição em meio a um incessante confronto crítico-interpretativo que advém do tipo de investigação a que se dedica, traduzida pela meditação cartesiana: Como é possível que a alma fale? Como é possível que signifique? Os impasses com os quais se defrontam esses dois domínios da Linguística indicam um núcleo comum de questões teóricas que colocam em xeque os rumos atuais de suas escolhas epistemológicas, bem como os de suas justificativas metodológicas.

Em face das explicações apenas parciais para os "mistérios da significação" (tematizados por Lahud, 1977), ou para o processo de aquisição da linguagem, ou ainda para a organização e a constituição dos processos cognitivos e seus transtornos que, afinal,

Linguagem e Cognição:

as reflexões de L. S. *Vygotsky* sobre a ação reguladora da linguagem

A Lingüística vem dedicando, há anos, boa parte de seus debates ao estudo teórico e metodológico das relações entre discurso e cognição, que envolvem os "mistérios da significação", o desenvolvimento da linguagem, a organização dos processos mentais e os distúrbios dos mesmos. Morato discute, dentro desse ponto de vista e de forma abrangente, isto tudo, trazendo para o leitor informações de inúmeros estudos sobre o que escreveu o eminente *Vygotsky*.

Enfim um livro que vem para ajudar os profissionais que trabalham com educação e linguagem, em geral. Para *Vygotsky* é impossível ver conteúdos cognitivos fora da linguagem, assim como é impossível ver a linguagem fora dos processos interativos humanos. E assim vai; o texto instiga o leitor a refletir com a autora as reflexões de *Vygotsky* sobre a ação reguladora da linguagem.

Na comemoração de seu centenário não poderia faltar esta obra. A cumplicidade da autora com este Prometeu russo vem desde o período em que preparou sua Dissertação de Mestrado, agora transformada neste livro.

ISBN 85-85689-27-7



9 788585 689278